



DO CURSO DE LETRAS DA FACILA À UFNT: TRINTA E CINCO ANOS NAS MALHAS DA MEMÓRIA

Francisco Edviges ALBUQUERQUE
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: fedviges@uol.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0004-1887>

RESUMO

Este ensaio trata do percurso profissional do professor de Linguística, Francisco Edviges Albuquerque, desde a sua chegada ao Norte de Goiás no ano de 1987, quando iniciou seus trabalhos no Curso de Letras da FACILA até os momentos atuais na UFNT. Portanto, escrevê-lo tornou-se uma tarefa desafiadora, que é registrar as suas relações com as memórias narrativas do Curso ao longo de sua história. Embora seja uma construção de narrativas de caráter pessoal, mas repleta de subjetividades, uma vez que envolve as emoções do autor. Segundo Barbosa (2012), a Memória é muitas vezes encarada como uma fonte de verificação e legitimidade para a História, gerando diversos problemas teóricos. Para isso, buscamos discutir sobre os problemas relativos à criação da FACILA e as suas relações diretas com Curso de Letras, bem como as suas memórias enquanto criação afetiva do referido Curso. Tratamos neste artigo de uma análise acerca das formas de registrar ações e percepções da comunidade Araguainense no tempo, desde a tão sonhada criação da primeira Faculdade no Norte de Goiás, considerando sempre o caráter mutável da Memória.

Palavras-chave: Francisco Edviges Albuquerque. FACILA. Curso de Letras.

ABSTRACT

This essay deals with the professional career of the Linguistics professor, Francisco Edviges Albuquerque, since his arrival in the North of Goiás in 1987, when he began his work on the FACILA Literature Course, up to the present moment at UFNT. Therefore, writing it became a challenging task, which is to record its relationships with the narrative memories of the Course throughout its history. Although it is a construction of personal narratives, it is full of subjectivities, as it involves the author's emotions. According to Barbosa (2012), Memory is often seen as a source of verification and

legitimacy for History, generating several theoretical problems. To this end, we seek to discuss the problems related to the creation of FACILA and its direct relationships with the Literature Course, as well as its memories as an affective creation of the aforementioned Course. In this article, we analyze the ways of recording actions and perceptions of the Araguainense community over time, since the long-awaited creation of the first Faculty in the North of Goiás, always considering the changing character of Memory.

Keywords: Francisco Edviges Albuquerque. FACILA. Literature Course.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho é imperioso fazer uma reflexão sobre o Curso de Letras, ao longo de seus trinta e cinco anos, objetivando registrar as suas relações com as memórias narrativas do Curso. Embora seja uma construção de narrativas de caráter pessoal, mas repleta de subjetividades, uma vez que envolve as emoções do autor. Segundo Barbosa (2012), a Memória é muitas vezes encarada como uma fonte de verificação e legitimidade para a História, gerando diversos problemas teóricos. Para isso, buscamos discutir sobre os problemas relativos à criação da FACILA e as suas relações diretas com Curso de Letras, bem como as suas memórias enquanto criação afetiva do referido Curso. Tratamos neste artigo de uma análise acerca das formas de registrar ações e percepções da comunidade Araguainense no tempo, desde a tão sonhada criação da primeira Faculdade no Norte de Goiás, considerando sempre o caráter mutável da Memória.

A memória, de acordo com Barbosa (2012), é “encarada como capacidade de lembrar, de reter informações, impressões e ideias, possui importância fundamental para o indivíduo, para a formação de sua consciência, de sua personalidade, de suas ações sobre o mundo. A memória também é valorizada pelos historiadores, que ao escreverem seus trabalhos a encaram como fonte de verificação e de legitimidade, uma aliada na busca pela verdade”.

Partilhando com o pensamento de Ricoeur (2007) ao afirmar que a “imaginação faz com que nossos pensamentos e lembranças tornem-se imagens, a memória enquanto rememoração transformaria nossas lembranças em imagens possíveis de serem compreendidas e dotadas de significado”, procuramos rememorar nossas

lembranças sobre ato de criação da FACILA, pelo então Governador de Goiás, Íris Rezende Machado, jurisdicionada à Secretaria da Educação, por meio do Decreto número 2.413, de 02 de outubro de 1984. A autorização de seu funcionamento deu-se pelo Conselho Estadual de Educação de Goiás. Faculdade essa que fez a sociedade de Araguaína refletir sobre o pensamento acadêmico, bem como a importância da FACILA para a comunidade local, principalmente por meio do Curso de Letras, que sempre foi o curso mais concorrido. Naquela época, como estava na fase de implantação, a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Araguaína – FACILA. Era uma unidade pertencente ao Estado de Goiás e tinha por objetivo apenas desenvolver atividades de **Ensino**. Portanto, a escolha do tema desse trabalho se deveu à dedicação aos trinta e cinco anos de trabalhos no Curso de letras, destinados ao Ensino Pesquisa e Extensão Universitária, desde a FACILA, passando pela UNITINS até os dias atuais na UFT.

Para isso, recorreremos a memória histórica desse período tão conturbado, pelo qual ocorreu o percurso do Curso de letras, desde a sua implantação ao reconhecimento, aliado a situação de patrimônio, prédio próprio, biblioteca até o registro do Curso pelo MEC, na década de 1990. Partindo dessa premissa, demos preferência pela descrição da memória histórica do Curso de Letras, por uma dada convicção de não termos outro recurso a respeito da referência ao passado, senão a própria memória, visto que é preciso porque ela é nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar, pois para Ricoeur (2007) tanto a memória quanto a imaginação têm a capacidade de representar algo que não está sendo vivenciado no tempo e no espaço presentes. Este autor enfatiza que a noção de distância temporal é inerente à ideia de memória e que, a princípio, é essa noção de distanciamento que diferenciaria memória e imaginação (RICOEUR, 2007).

Para uma descrição mais acurada da estrutura deste ensaio, recorreremos às teorias de Barbosa (2012) por afirmar que “imaginação faz com que nossos pensamentos e lembranças tornem-se imagens, a memória enquanto rememoração transformaria nossas lembranças em imagens possíveis de serem compreendidas e dotadas de significado. Mas se não há problema em supor que a imaginação está repleta de elementos do passado, mesmo quando voltada para pensar o futuro, o mesmo não acontece com a memória. A vertente que encara a memória como fonte de informações “certas” e precisas sobre o passado, não aceita com facilidade que essa mesma memória possa ser permeada de imaginação”.

ESTRUTURA DO ENSAIO

Partindo do pressuposto de que os historiadores consideram a memória como uma construção e não um registro, na visão de Barbosa (2012) “encontramos inúmeros trabalhos onde a memória é utilizada para legitimar e provar hipóteses”. Fato este comprovado por Henri Bergson (1979) em seus estudos sobre o tempo e a memória, que concebe a vida como criação, como algo que se move e se transforma. A própria duração para o autor, é marcada pela mudança, pois aquilo que não é marcado pela criação está morto, destruído, não pode durar. Nesse sentido a memória não é algo já concretizado, um simples rastro do passado. A memória é algo a ser realizado, não é um

Assim, observamos que a questão não é apenas repensar o papel da memória, mas também refletir sobre os objetivos do percurso histórico do curso de Letras e do professor, como segue: iniciando pela criação da Faculdade de Ciências e Letras de Araguaína-FACILA, a primeira direção, bem como a realização do primeiro vestibular, o início das atividades do Curso, bem como o ano de ingresso do professor na FACILA, as condições para aprovação do Curso de Letras pelo MEC, o reconhecimento do Curso de Letras pelo MEC, passando pela criação e implantação da UNITINS em 1990, assim como a expedição dos diplomas, criação da Universidade Federal do Tocantins-UFT, os Projetos de extensão e pesquisa, até a criação do Laboratório de Línguas Indígenas da UFT-LALI e Núcleo de Estudos e Pesquisas com Povos Indígenas- NEPPI

A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA DO CURSO DE LETRAS

É importante frisar que é através da linguagem que as narrativas, segundo Russo (2012), “vão ganhando sentido em relação a um grupo do qual o sujeito que narra faz/fez parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora em comum, depende do contexto de referência no qual atualmente transitam o grupo e o indivíduo que o atesta”.

A memória, tanto quanto a História, de acordo com Custódio (2012), “envolve ampla discussão, traz em torno de si concepções antagônicas. Platão a considerava como um bloco de cera onde as impressões ficariam gravadas, para, quando fosse necessário retomar essas impressões, bastaria evocá-las”.

Partindo desse princípio, Rousso (2002) afirma que a memória é a presença do passado e, ao mesmo tempo, é incontestavelmente da atualidade, pois é o momento atual que lança ao passado as indagações em busca de compreensão, possibilitando aos sujeitos que narram, uma reconstrução constante de si, e do universo que habitam. Encarar a história como uma operação será tentar, de acordo com Certeau (2002) de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise e a construção de um texto.

Seguindo o pensamento de Rousso (2002), a memória como reconstrução psíquica e também intelectual que traz ativamente uma representação seletiva do passado e esse passado não é apenas daquele que recorda, mas também do coletivo no qual o recordador fez/faz parte. Por essa razão, as memórias são componentes absolutamente necessários na (trans)formação das identidades dos sujeitos, das percepções de si e dos outros, daqueles com os quais conviveram ao longo de suas vivências em contextos sociais distintos. Aí tornar-se-ão experiências de vida porque as memórias compartilhadas através das narrativas possibilitam àqueles/as que narram realizar um trabalho sobre si mesmos. Desse modo, Custódio (2012) afirma que é possível pensar que contamos uma história pessoal, atravessados pelas histórias sobre nós mesmos que nos são narradas.

No que diz respeito à narrativa, segundo Benjamin (1994), uma das características de muitos narradores natos é o senso prático: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

Portanto, com base nos pressupostos da narrativa e da memória histórica, relataremos como se deu o Processo de criação do Curso de Letras que se coaduna com a própria criação da FACILA, que se deu pelo Governador de Goiás, Íris Rezende Machado, jurisdicionada à Secretaria da Educação, por meio do Decreto número 2.413, de 02 de outubro de 1984. A autorização de seu funcionamento deu-se pelo Conselho Estadual de Educação de Goiás, através da Resolução número 030, de 21 de fevereiro de 1985. Em seguida, através do Decreto número 91.507, de 05 de agosto de 1985, autorizada pelo então Presidente da República, José Sarney, dando início o funcionamento dos cursos de Licenciatura plena em Letras, História, Geografia e Licenciatura curta em Ciências.

Há então na experiência, segundo Custódio (2012), sob a perspectiva benjaminiana, uma dimensão que é narrável, se posso assim considerar, e outra, que é inenarrável. Para Benjamin (1994), "A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Assim, o Curso de Letras iniciou suas atividades em 12 abril de 1985, em um prédio cedido pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás, no Bairro São João. Tendo como diretor nos três primeiros anos de funcionamento, o saudoso, professor José Francisco da Silva Concesso. Naquela época, todos os professores possuíam apenas graduação ou especialização Lato Sensu. A professora Valéria Sueli Cintra Silva assumiu a primeira coordenação Curso de Letras.

Essas reflexões sobre a memória histórica do Curso nos fazem compreender que a construção, no tempo, proporciona, sem dúvida, um maior número de elementos da memória subjetiva, uma vez que descrever entre o passado e o presente permite-nos entender as relações entre memória e história, já que as relações sociais são também se fazem presentes nessas memórias.

Conforme já se mencionou acima, a memória e sua relação com o Curso de Letras, faz lembrar que a questão está em pensar se foram realmente as situações sociais que contribuem para o surgimento da lembrança do primeiro vestibular, que foi realizado em 04 de fevereiro de 1985 que contou a participação de 730 candidatos inscritos, desses apenas 60 candidatos foram aprovados para o curso de Letras, sendo 30 para o turno matutino e 30 para o noturno. O regime de matrícula era seriado anual, o que não possibilitava matrícula por disciplinas.

De acordo com Nava (1974), que memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar.

Já segundo Barbosa (2012), a subjetividade e a imprecisão da memória são um fato bastante conhecido no interior das ciências humanas. Ainda segundo a autora, "muito se fala a respeito da memória atuando na formação da identidade, tanto individual quanto de um povo, entretanto cabe-nos pensar também na existência do

esquecimento e em suas consequências – e mesmo em sua função – para a sociedade e para história. Com o objetivo de pensar essa questão”.

Neste contexto, todo o nosso percurso profissional perpassou por várias situações de vivência e experiência no que se refere às condições de reconhecimento do Curso pelo MEC. Naquela época era muito difícil e burocrático para reconhecimento dos cursos de graduação, visto que MEC impunha várias condições. Dentre estas, a ampliação do Espaço Físico, que havia apenas naquela época 4 salas para os Cursos, sala da direção, de professor, secretaria, 2 banheiros, biblioteca Caetano de Paula acerto de livro, e a contratação de Secretária Geral para FACILA e uma Bibliotecária e uma biblioteconomista para atuarem na biblioteca.

Partido dessa premissa, segundo o PPC/UFT (2009), “uma vez criado o Estado do Tocantins, em 1988, uma das primeiras tarefas assumidas pelo novo governo foi a criação de uma Universidade para o Estado do Tocantins. A Fundação Universidade do Tocantins – UNITINS - surgiu no segundo ano de existência do Estado, em 1989, durante o funcionamento da capital provisória em Miracema do Tocantins. Entre os vários objetivos propostos, consta o de se fazer uma universidade –com a cara do Tocantins, isto é, talhada, organizada e implantada para dar respostas, principalmente, às necessidades de desenvolvimento do novo Estado e da região Norte do Brasil”.

Cumpridas as exigências, houve o reconhecimento do Curso, mas, em seguida, Fundação Universidade do Tocantins – UNITINS foi criada pelo decreto nº 252/90 de 21 de fevereiro de 1990. Por conta da Lei nº 136/90, posteriormente autorizada a funcionar como universidade pelo Decreto Estadual nº 2021/90, sendo implantada em março de 1991, ofereceu, à comunidade estudantil, cursos na área das Ciências Humanas, Ciências Exatas e Tecnologia, Ciências Biológicas e da Saúde. Assim, a UNUITINS deu prosseguimento com os seus cursos, já em fase de aprovação pelos órgãos federais competentes. Por meio do Parecer 447/92 (SESu) e da Portaria 1.660 de 06 de novembro de 1992, o Curso de Letras foi reconhecido pelo MEC. Porém, mesmo com o reconhecimento do Curso, os diplomas eram expedidos pela Universidade Federal de Goiás-UFG.

Passando por todos esses percalços, ao longo desses anos, a Universidade Federal do Tocantins (UFT) foi instituída em 23 de outubro de 2000 pela Lei nº 10.032, com isso, foi efetuada a transferência dos cursos e da infraestrutura da Universidade do Tocantins - Unitins, para UFT.

O então Reitor, Professor Alan Barbiero, a prova a Resolução do conselho de ensino, pesquisa e extensão (CONSEPE) N°. 39/2009. Para isso, o Egrégio Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – Consepe, da Fundação Universidade Federal do Tocantins – UFT, reunido em sessão no dia 07 de outubro de 2009, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, RESOLVE: Art. 1º. Aprovar o Projeto Pedagógico do Curso de Letras (Campus de Araguaína) nas habilitações em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas literaturas. Art. 2º. Esta Resolução entra em vigor a partir desta data.

Em Araguaína, a criação e a implantação da Universidade Federal do Tocantins não afetou a continuidade de ofertas de cursos, pois continuaram a ser ofertados os cursos de Letras, História, Matemática, Geografia, Medicina Veterinária e Zootecnia, que eram da UNITINS, iniciando-se apenas em 2006 o curso de Biologia, em regime semipresencial. Embora a data do último Projeto Pedagógico de Curso seja de janeiro de 2003, tendo em vista a necessidade de renovação e reconhecimento do curso, instruiu-se o processo de elaboração de um novo Projeto Político para o curso, conforme orientações contidas na Resolução CCC-TO 051/2001.

Como a proposta pedagógica e organização institucional de um curso de formação de professores devem estar intimamente interligadas, o Projeto Pedagógico do Curso de Letras do campus Universitário de Araguaína ao longo dos anos foi reformulado tendo como ponto de partida a necessidade de conferir de fato um caráter de licenciatura ao curso de Letras, buscando fazer convergir, sobretudo na seleção e reestruturação das disciplinas, reflexões e abordagens teórico metodológicas que visem à formação do professor, atento às complexidades contemporâneas referentes às problemáticas do processo ensino-aprendizagem de língua materna e literaturas.

No contexto da FACILA à UFT, toda a nossa trajetória profissional foi marcada por uma busca incessante por produção de saberes e conhecimentos, aliados ao ensino, mas voltados para as inter-relações teoria e prática. Assim, a história se materializa como sendo uma área de produção de saberes e conhecimentos, segundo afirma Stefano e Bastos (2002), “a história se alimenta de teorias explicativas e de fontes que se constituem indícios, vestígios e pistas que nos ajudam a compreender as ações humanas no tempo e no espaço”.

Partindo dessa premissa, nosso percurso profissional também se destaca por desenvolver vários projetos de extensão e pesquisa voltados para os povos indígenas,

aliados a outras temáticas, que envolvem nosso objeto de pesquisa. Portanto enquanto professor/pesquisador venho tentando proporcionar uma formação específica, por meio de curso de formação continuada, voltada para os professores indígenas e não indígenas que atuam nas escolas dos povos Apinayé e Krahô, além das atividades desenvolvidas no LALI e no NEPPI, com alunos de graduação e da pós-graduação-PPGL/Profletras. Neste sentido, entre as inter-relações entre os estes projetos de pesquisa e extensão vem sendo desenvolvidos desde a UNITINS, mas adquirindo uma maior visibilidade, a partir de Universidade Federal do Tocantins – UFT/Câmpus de Araguaína, especialmente após a criação do Laboratório de Línguas Indígenas da UFT.

De acordo com Custódio (2012), “um trabalho de pensamento que supõe o estranhamento da análise, da produção de argumentos que possam validar, no presente, determinadas leituras da realidade passada”, uma vez que, de acordo com Stephanou e Bastos (2009), “o conhecimento histórico é uma operação intelectual que se esforça por produzir determinadas inteligibilidades do passado e não sua cópia”.

Nossa trajetória profissional também ficou marada pela criação do Laboratório de Línguas Indígenas da UFT-LALI e pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa com Povos Indígenas-NEPPI, responsáveis pela publicação de livros didáticos voltados para as escolas indígenas do Estado do Tocantins, conforme descreveremos a seguir:

CRIAÇÃO DO LABORATÓRIO DE LÍNGUAS INDÍGENAS DA UFT-LALI

Na época, para a implantação do LALI do Campus Universitário de Araguaína, em 11/02/2005, houve uma reunião, na sala do Setor de Educação da FUNAI/Araguaína, com professor Francisco Edviges Albuquerque/UFT e com o então Administrador Regional da FUNAI/ADR-Araguaína, João Batista Santos Filho e Corina Maria Rodrigues Silva, chefe do Setor de Educação/FUNAI-ADR-Araguaína, com a finalidade de firmar convênio de parceria entre FUNAI/Araguaína e Campus Universitário de Araguaína/UFT, para criação do LALI no referido Campus, através de doação de parte do acervo bibliográfico da FUNAI/ADR/Araguaína.

Este convênio se deveu ao fato de a FUNAI não dispor de local adequado, naquela época, para pesquisa, uma vez que a procura era muito grande. Assim, a criação do LALI trouxe uma significativa contribuição para os professores pesquisadores, alunos indígenas, que ingressaram na UFT, através do sistema de cota, bem como os pesquisadores de outros cursos ou Universidades, bem como as

pesquisas das línguas de contatos do Estado do Tocantins, especialmente para os professores e alunos da UFT que atuam nessas áreas de pesquisas.

Partindo desses pressupostos, o LALI também visa a contribuir para o conteúdo programático dos aspectos históricos e culturais nas escolas das redes pública e privada do estado do Tocantins. Isso porque a Lei 11.645 de 10 de Março de 2008 que altera a LDB 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, modificada pela Lei Nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados. O Art. 26 § 2º da referida Lei afirma que “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística, de literatura e história brasileiras”.

Um fator preponderante para criação do LALI, além do ingresso de alunos indígenas nos diversos cursos da UFT, através do sistema de cotas, também a enorme presença de vários outros povos indígenas vindos de outras regiões do País para o Tocantins, totalizando 287 indígenas, conforme dados da FUNASA/TO/GO (2010), convivendo tanto nas demais cidades do Tocantins como nas aldeias, conforme descreveremos a seguir: 01 *Tapuia* na Barra do Rio Verde, no município de Sandolândia, 10 *Ava-Canoeiro*, sendo 01(um) em Boto Velho na Lagoa da Confusão e 09(nove) em Canuanã, em Formoso do Araguaia; 29 *Fulniô* no município de Tocantinópolis; 41 *Tuxa*, sendo 10 em Canuanã, em Formoso do Araguaia, 08 desaldeados em Formoso do Araguaia, 12 em Gurupi e 01 em São João, no Formoso do Araguaia; 08 *Apurinã* desaldeados em Gurupi; 132 *Atikum* desaldeados em Gurupi; 03 *Makuxi* desaldeados em Gurupi; 19 *Pankararu* desaldeados em Gurupi; 29 *Guarani*, sendo 01 desaldeado em Araguaína, 01 urbano em Santa Fé do Araguaia; 13 na aldeia Kurehe, 06 na aldeia Warilyty, e 08 na aldeia Xambiá, todos na reserva Karajá-Xambioá no município e Santa Fé do Araguaia; 11 *Guajajara*, sendo um na aldeia Karajá-Xambioá, em Santa Fé do Araguaia, 07 na aldeia Botica, 03 na aldeia Mariazinha, ambas na reserva Apinayé, no município de Tocantinópolis e 03 *Krikati* na aldeia Mariazinha, reserva Apinayé, no município de Tocantinópolis.

Em resumo, acreditamos que LALI, possa auxiliar na compreensão dos processos socioculturais, históricos e, sobretudo, contribuir para os estudos e

pesquisas linguísticas, históricos e culturais dos povos indígenas do Estado do Tocantins, através do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal do Tocantins

CRIAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDO E PESQUISA COM POVOS INDÍGENAS-NEPPI

O NEPPI – Núcleo de Estudo e Pesquisa com Povos Indígenas do Campus de Araguaína, da Universidade federal do Tocantins, coordenado pelo Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque - foi criado e aprovado pelo Egrégio Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão - CONSEPE, da Universidade Federal do Tocantins em sessão ordinária, no dia 16 de março de 2011, através da Resolução Nº 04/2011 do CONSEPE.

O NEPPI também visa a contribuir para o conteúdo programático dos aspectos históricos e culturais nas escolas das redes pública e privada do estado do Tocantins. Isso porque a Lei 11.645 de 10 de Março de 2008 que altera a LDB 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, modificada pela Lei Nº10.639 de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados. O Art. 26 § 2º da referida Lei afirma que “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística, de literatura e história brasileiras”.

Portanto a criação e implantação do NEPPI se justificam pela significativa contribuição que ele trará para as pesquisas com os povos os indígenas, brasileiros, especialmente do Tocantins, visto que esses povos ao longo dos anos de contato com a sociedade não indígenas vêm tentando manter vivas suas línguas, cultura, identidade étnica, e estão em permanente conflito com a situação sociohistórica, cultural, econômica, linguística, geográfico e política da sociedade envolvente.

Com base no que vimos relatando ao longo deste trabalho, compartilhamos com o pensamento de Eclea Bosi (1997) que afirma que a memória “não é sonho, é trabalho: uma operação realizada no presente que suscita indagações. Ainda para este autor, o que tenho aprendido ao longo da pesquisa com a realização das leituras do referencial teórico e do trabalho no acervo de entrevistas, e que parece pertinente mencionar, é que o passado não se presentifica como de fato aconteceu, e o pesquisador que trabalha com documentos orais deve ter o cuidado de realizar um trabalho de reflexão, de

localização das memórias e dos sujeitos que narram num tempo e num espaço específicos”.

Seguindo a linha do percurso profissional, as primeiras experiências com projetos de pesquisa e extensão foram desenvolvidas a partir da UNITINS, porém com maior visibilidade na UFT. Assim, é importante frisar que os projetos de extensão colocam estudantes universitários, assim como a comunidade frente a frente com propósitos variados, seja educacional, social ou cultural. Portanto, é esse contato diário com a comunidade que necessita de assistência traz uma experiência transformadora para o povo ou a comunidade. Por se tratar de uma ação contínua e de caráter educativo, cultural, cultural ou científico, possuem uma finalidade de socializar a tríade ensino/pesquisa/extensão, objetivando o envolvimento de parcerias externas com a Universidade. Já a pesquisa envolve outras formas de relacionamento entre as instituições públicas ou privadas e a comunidade ou público, objeto de pesquisa, bem como os vários grupos sociais envolvidos na pesquisa.

Partindo desse pressuposto, o ponto principal desse trabalho está na vida e desenvolvimento do profissional com experiência docente, assim com suas memórias, relação entre Curso de Letras e outros universos socioculturais, que segundo André (2002), procura buscar o conhecimento não apenas as práticas ou competências do professor, mas as representações e valores construídos pelo professor acerca da profissão docente, na interface entre as dimensões pessoal e profissional.

Para isso, descreveremos as ações dos projetos de pesquisa e extensão universitária desenvolvidos ao longo dos trinta e cinco anos do Curso de Letras. Para isso, os projetos estão elencados por ordem cronológica, como seguem: Experiência foi na UNITIS/FUNAI/SEDUC 2000; Projeto de Apoio Pedagógico à Educação Escolar Apinayé/Aldeias Mariazinha e São José; A proposta do Projeto de Capacitação de Professores indígenas e não indígenas e Elaboração de Material Didático; Projeto de Apoio Pedagógico à Educação Escolar Apinayé/PROEX/UFT/FUNAI/SEDUC; 2005- Criação do Centro de Estudos Etnolinguístico/LALI/NEPPI- Objetivo local de apoio do Projeto; 2007- Edital da PROEX/MEC Publicação dos livros: Matemática e Ciências Apinayé e História e Geografia Apinayé; 2009- Projeto de Apoio Pedagógico à Educação Escolar Apinayé e Krahô/PROEX/UFT/FUNAI/SEDUC – Aldeia Manoel Aves pequeno; 2010 - 2011- Observatório da CAPES/APINAYE; 2012- 2016- Observatório da CAPES/KRAHÔ; 2012- Projeto de Revitalização da Língua e da Cultura Krahô-Kanela

do Tocantins –Aldeia Lankraré com apoio do Observatório (parado); 2018 - Processo de Alfabetização das Crianças Apinayé/Krahô: uma proposta metodológica e 2019 – Projeto de Aulas de Língua Indígenas Krahô/ Guajajara e Karajá. Portanto o resultado de todo o trabalho deste profissional encontra-se no site do LALI –Laboratório de Línguas Indígenas da UFT.

É importante deixar claro, que este texto de memórias objetiva descrever e resgatar um passado, a partir da história/lembrança do percurso profissional do professor de Linguística trabalha no Curso de Letras desse a década de 1987, quando iniciou os trabalhos na antiga FACIL. De certo modo, representa o resultado de um encontro, intitulado “*Os Trinta e Cinco Anos do Curso de Letras*”, no qual as experiências do profissional foram relatadas uma geração universitária anterior e repassadas para uma outra geração, a atual, da UFT, dando assim, continuidade ao fio condutor da História desse profissional, que perpassou por três gerações universitárias FACILA, UNITINS e UFT. Portanto essa história traz em si a memória do Curso de letras, ao qual o profissional pertence.

REFLEXÕES PRELIMINARES

Este trabalho teve como objetivo traçar o percurso profissional do professor de Linguística, Francisco Edviges Albuquerque, desde a sua chegada ao Norte de Goiás no ano de 1987, quando iniciou seus trabalhos no Curso de Letras da FACILA até os momentos atuais na UFT. Portanto, escrevê-lo tornou-se uma tarefa desafiadora, que é registrar as suas relações com as memórias narrativas do Curso ao longo de sua história. Para isso, foram levadas em conta todas as informações que estavam no âmbito da temática proposta, que era os “*Tinta e Cinco Anos do Curso de Letras*”. Os resultados apontaram que o percurso profissional do Professor foi marcado por memórias históricas de sua atuação enquanto professor do Curso de Letras e suas experiências de no ensino, pesquisa e extensão, bem como de formação continuada. Com isso, espera-se que este Ensaio possa contribuir para estudos futuros, que envolvam os próprios professores e alunos do Curso de Letras e suas histórias e memórias de vida profissional. Além da possibilidade do surgimento de novas pesquisas que reforcem a importância dessas memórias.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. (Org) Formação de professores no Brasil (1990-1998). Brasília: MEC, 2002

BARBOSA, Mohana Ribeiro. Memória: articulações de narrativas e acepções do tempo. **Revista Espaço Acadêmico**. UFG, 2012,

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. 1).

BERGSON, Henri. **Cartas, conferências e outros escritos**. Abril Cultural, 1979.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BURNIER, S. et al. **Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional**. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 35 maio/ago. 2007.

CUSTÓDIO, Regiane Cristina. **Narrativas de Memórias e a Pesquisa em História da Educação**. Seminário de pesquisa em Educação da Região Sul -UFRGS. 2012.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2007.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos (Memórias/1)**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2002. p. 93-101.

STEPHANOU, Maria; BASTOS; Maria Helena Camara (Orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

STEPHANOU, Maria; BASTOS; Maria Helena Camara. História, Memória e História da Educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS; Maria Helena Camara (Orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 416-429.